



4142 - Trabalho Completo - XXIV Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste - Reunião Científica Regional da ANPEd (2018)
GT02 - História da Educação

A recepção, implantação e expansão do escotismo no Brasil no início do século XX
Andressa Barbosa de Farias Leandro - UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
Agência e/ou Instituição Financiadora: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível superior (CAPES)

Resumo: Idealizado no ano de 1907, pelo general inglês Robert Baden-Powell, para complementar a educação da juventude inglesa, o escotismo rapidamente se propagou para outros países, inclusive para o Brasil, onde foi implantado no ano de 1910, por iniciativa de militares da Marinha Brasileira. Alicerçado em valores cívicos e morais, o escotismo, logo, despertou o interesse de intelectuais e autoridades políticas, que vislumbraram o movimento educativo de Baden-Powell como uma instituição de formação moral e cívica para a infância e juventude brasileira. O presente artigo analisa como se deu a recepção, implantação e expansão do escotismo no Brasil, nas primeiras décadas do século XX, problematizando como o movimento de Baden-Powell foi utilizado pelos intelectuais e autoridades políticas para propagar os valores republicanos. Para tanto, nos apropriamos dos pressupostos teórico-metodológicos da Nova História Cultural e realizamos um levantamento bibliográfico acerca da temática escoteira, que nos possibilitou compreender que o escotismo no Brasil foi adaptado ao ambiente escolar, passando a se configurar como uma escola de civismo para educar as crianças e jovens brasileiros.

Palavras-chaves: Brasil, Escotismo, Implantação.

A RECEPÇÃO, IMPLANTAÇÃO E EXPANSÃO DO ESCOTISMO NO BRASIL NO INÍCIO DO SÉCULO XX

Introdução

Idealizado no ano de 1907, pelo general inglês Robert Baden-Powell, para complementar a educação da juventude inglesa, o escotismo rapidamente se propagou para outros países, inclusive para o Brasil, onde foi implantado no ano de 1910. Para Nascimento (2004), o grande sucesso e a rápida difusão alcançada pelo escotismo, no início do século XX, justificam-se pelo fato de o projeto de Baden-Powell contribuir com um tipo de educação que produzia sujeitos integrados aos ideais nacionais, servindo de vetor de nacionalismo político para essas nações.

A implantação e propagação do escotismo no Brasil se dar em um momento de transformações sociais, caracterizado por um processo de nacionalização, que destacará dentre outras coisas a importância da educação cívica, "considerada um elemento essencial para o soerguimento moral da nação, para a cultura do patriotismo e para a defesa da nacionalidade". Inserido nessa atmosfera nacionalista o escotismo passa a ser defendido nos meios educacionais e políticos "como fator de educação do caráter e de defesa da pátria" (SOUZA, 2000, p. 100).

O presente artigo analisa como se deu a recepção, implantação e expansão do escotismo no Brasil, nas primeiras décadas do século XX, problematizando como o movimento de Baden-Powell foi utilizado pelos intelectuais e autoridades políticas para propagar os valores republicanos. Fundamentados nos pressupostos teórico-metodológicos da Nova História Cultural, realizamos um levantamento bibliográfico acerca da temática escoteira, que nos possibilitou compreender a trajetória do escotismo brasileiro. Apesar de ter sido implantado há mais de um século no Brasil, o escotismo ainda é uma temática pouco estudada pelos pesquisadores brasileiros. Entretanto, assim como Thomé (2006), acreditamos que o escotismo se constitui em um tema relevante para a História da Educação brasileira, haja vista que ele é caracterizado como um movimento de educação extraclasse, que se enquadra, historicamente, entre as organizações extraescolares destinadas à complementação da educação formal nos estabelecimentos de ensino.

Escotismo e nacionalismo

O escotismo foi introduzido no Brasil por militares da Marinha Brasileira, que tiveram contato com o movimento de Baden-Powell durante o tempo em que estiveram na Inglaterra, para o programa de construção naval, que tinha como meta a construção de contratorpedeiros, cruzadores e dos encouraçados "Minas Gerais" e "São Paulo". O escotismo fora apresentado a eles, "como um método prático e salutar de educação extraescolar" (BLOWER, 1994).

Atendendo a um pedido do intelectual brasileiro Manoel Bonfim, que se encontrava na Europa para uma missão de estudos pedagógicos, o tenente Eduardo Weaver produz um artigo sobre o escotismo, intitulado *Scouts e a Arte de Scrutar*, que foi publicado pela revista *Ilustração Brasileira*, em 1º de dezembro de 1909 (90 ANOS DE ESCOTISMO NO BRASIL, 2000). Considerado a primeira notícia publicada no Brasil sobre o escotismo, o artigo tinha o intuito de apresentar aos brasileiros os benefícios do método de Baden-Powell, sobretudo, a forma de educar brincando, que articulava jogos com atividades físicas praticadas ao ar livre, uma solução eficiente para sanar os problemas universais relacionados a formação dos jovens.

O método de Baden-Powell dialogava com os ideais do Ativismo ou Escola Nova, movimento de renovação educacional que estava

sendo difundido na Europa e nos Estados Unidos. O Ativismo se caracteriza por colocar a criança, no centro do processo de aprendizagem, enfatizando o aprender a fazer. Tendo como base as descobertas, no campo da psicologia, que defendia que a criança tem uma psique diferenciada do adulto, os teóricos do Ativismo, como John Dewey, Ovide Decroly, entre outros, objetivavam criar uma escola alternativa que ao mesmo tempo valorizasse a individualidade do aluno e desenvolvesse as suas aptidões, respeitando assim, a evolução do desenvolvimento infantil. O primeiro experimento desse tipo de educação foi posto em prática na Inglaterra, por Cecil Reddie, no ano de 1889. Posteriormente, vários experimentos de "escolas novas" foram postos em prática em diversos países, a exemplo do escotismo na Inglaterra, que para Cambi (1995), é considerado um modelo bem-sucedido de Escola Nova.

Entretanto, é oportuno ressaltar que os pressupostos do escolanovismo só vão ser adaptados ao contexto brasileiro a partir do final da década de 1920, quando o movimento da Escola Nova começa a ganhar espaço nos debates educacionais brasileiros. Provavelmente, as inovações educacionais que estavam no cerne do método proposto por Baden-Powell, tenham contribuído para atrair a atenção do tenente Weaver e dos outros marinheiros. Assim, ao retornarem ao Brasil, a bordo do Encouraçado "Minas Gerais", em 17 de abril de 1910, os militares trouxeram consigo alguns uniformes dos "boys scouts" e trataram de organizar o primeiro grupo de escoteiros do Brasil, que seria criado nos moldes do que haviam visto na Inglaterra. Assim, no dia 14 de julho de 1910, os militares se reuniram na cidade do Rio de Janeiro e elaboraram o estatuto da instituição denominada de Centro de Boys Scouts do Brasil. Os primeiros scouts brasileiros eram filhos de marinheiros e oficiais da Marinha, a exemplo de Aurélio de Azevedo Marques, filho do suboficial Amélio de Azevedo Marques que tinha, anteriormente, integrado o "Boys Scouts" na Inglaterra. Segundo a UEB (2010), O Centro se configurava em "uma sociedade de diversões e esportes para meninos, semelhante em tudo, que fosse possível à dos Boys Scouts da Inglaterra". O Centro chegou a contar com um efetivo de 20 escoteiros, possivelmente, todos filhos de militares da Marinha Brasileira.

As atividades do Centro eram realizadas ao ar livre, onde "eram feitas demonstrações de socorros a feridos, pensos e curativos simulados e adestramentos" (BLOWER, 1994, p. 31). Essas atividades, assim, como as caminhadas e acampamentos eram documentadas, através de fotografias, que eram transformadas em cartões postais, pela direção do Centro para divulgar o escotismo. É oportuno salientar que, apesar da implantação do Movimento Escoteiro, em terras brasileiras, ter sido organizado pelos militares da Marinha, o escotismo, neste primeiro momento, é configurado como uma iniciativa da sociedade civil, sem ser submetido a qualquer tipo de tutela por parte do Estado.

Entretanto, o entusiasmo inicial desses militares pelas ideias de Baden-Powell, acabou arrefecendo, provavelmente, devido às transferências de alguns deles para outras localidades e, conseqüentemente, a dificuldade de locomoção, a falta de comunicação entre os mesmos e a indisponibilidade de tempo para poderem se dedicar a causa escoteira. Em 1914, o Centro já tinha encerrado as suas atividades. Conquanto, a existência do Centro de Boys Scouts do Brasil tenha sido curta, as sementes do escotismo tinham sido lançadas, e, logo, germinariam nos diversos Estados brasileiros.

Consoante Blower (1994), o que se observa no Brasil, entre os anos de 1912-1913, é quase que um eclipse total do escotismo, salvo, algumas tentativas isoladas dos entusiastas das ideias de Baden-Powell, a exemplo de Jeronyma Mesquita e Mário Sérgio Cardim, que começaram a empreender esforços para que o escotismo se instalasse, definitivamente, no Brasil. Jeronyma Mesquita, estando em Paris, manda imprimir, por conta própria, vários milheiros de folhetos de propaganda com a tradução dos ideais de Baden-Powell. Já o interesse de Mário Sérgio Cardim pelo escotismo, foi despertado quando ele estava na Europa, em missão do Governo Federal. Em um cruzamento de estrada da pequena cidade holandesa de Delft, Cardim se deparou com um grupo de 20 escoteiros, se interessando, de imediato, por aquele movimento educativo. Indo a Londres, conseguiu, através da Embaixada Brasileira, ser apresentado a Baden-Powell no Palácio de Buckingham. Em 15 de Junho de 1910, Cardim inicia o curso de chefes, na Inglaterra, vistoriado pelo próprio Baden-Powell.

Ao regressar ao Brasil em 1913, Cardim dar início a uma intensa campanha em prol do escotismo, sua intenção era difundir os ideais de Baden-Powell e instalar o Movimento Escoteiro em São Paulo e em todo o país. A campanha tomou fôlego, quando a convite de Júlio Cesar Ferreira de Mesquita, diretor do Jornal O Estado de São Paulo, Cardim passa a escrever no jornal e paralelamente, começa a realizar conferências no interior do Estado, difundindo assim o escotismo. Com o apoio de Júlio Cesar Ferreira Mesquita, Ascanio Cerqueira, Alcântara Machado, Carlos Américo Sampaio Viana, João Maurício Sampaio Viana, entre outros, Mário Cardim fundou a Associação Brasileira de Escoteiros, primeira entidade dirigente do escotismo nacional, instalada em 29 de novembro de 1914 (BLOWER, 1994).

Mário Cardim também foi responsável pela adoção do termo escoteiros para substituir os "boys scouts" e pela tradução do lema "Be Prepared" para o "Sempre Alerta", adaptando assim o escotismo inglês à realidade brasileira (BLOWER, 1994). Olavo Bilac e Coelho Neto também integravam o grupo de intelectuais e educadores que vislumbravam o escotismo como uma "escola primária de civismo", na qual se formaria o "novo homem", um "tipo completo e perfeito de cidadão, forte sob o ponto de vista moral, cívico e physico" (SODRÉ, 1927, p. 13).

Entre os anos de 1910 e 1924, o escotismo se expandiu para quase todo o território brasileiro, a exemplo dos estados de Minas Gerais, Paraná, Espírito Santo, Rio Grande do Sul, Rio Grande do norte, Bahia, dentre outros. Acreditamos que a promulgação do Decreto de Poder Legislativo de nº 3297 de 11 de julho de 1917, que considera como utilidade pública as associações brasileiras de escoteiros com sede no país, contribuiu para essa expansão. Não obstante, a sanção do decreto, assinado pelo então presidente Wenceslau Brás, representou a oficialização do escotismo em terras brasileiras. Com o aval do Poder Público, as associações escoteiras de todo país passavam a ser consideradas de utilidade pública.

Para Blower (1994), o referido decreto vem reconhecer, em uma época de descrédito das instituições, a importância do escotismo para a juventude brasileira, possibilitando ainda mais a sua expansão. Souza (2000) argumenta que após o término da Primeira Guerra Mundial o Brasil vive uma onda de nacionalismo efervescente que resultou na eclosão de vários movimentos nacionalistas, a exemplo da fundação das ligas nacionalistas, que visavam a elevação moral e política do país. A efervescência nacionalista alimentada pelo descontentamento de alguns políticos e intelectuais com o rumo da República traz à tona a questão da nacionalidade brasileira, o combate à estrangeirização do país, a reforma política, a moralização dos costumes e a regeneração da nação. Para solucionar esses problemas, concebidos pelos intelectuais como os "grandes problemas nacionais" era necessário educar a infância e a juventude.

Nesse cenário, o escotismo, alicerçado nos valores cívicos e morais, foi assimilado pelos nacionalistas como uma pedagogia do civismo, uma alternativa extraescolar para robustecer o caráter das crianças e jovens, "a chave para realizar o grande destino pátrio" (ZUQUIM; CYTRYNOWICZ, 2002, p. 45). Destarte, o escotismo, associado ao movimento nacionalista e patrocinado pelo Poder Público, foi adaptado ao ambiente escolar, através da Reforma Educacional de 1920, que oficializa o escotismo nas escolas públicas paulistas. O Decreto 3.355, de 27 de maio de 1921, que regulamentou a Lei 1.750, que reforma a instrução pública no Estado de São Paulo, também conhecida como Reforma Sampaio Dória, determinava que todos os alunos matriculados nas escolas públicas eram aspirantes a escoteiros (SOUZA, 2000).

Nascimento (2004) argumenta que o escotismo esteve presente na agenda política dos nacionalistas do pós-guerra, sobretudo, nas reformas educacionais do século XX, por ser um movimento de educação extraescolar que valorizava o civismo e a educação do corpo, visto que a preocupação com a saúde, a construção e identidade nacional ocupavam um lugar privilegiado nos debates políticos do

período. Na representação dos nacionalistas, o escotismo seria um dos canais para construção de uma sociedade coesa.

Conclusão

O que ocorreu no Brasil, quando da implantação do escotismo, não foi diferente do que ocorreu em outras partes do mundo, uma vez que a doutrina e os valores inerentes ao escotismo sempre estiveram atrelados a um contexto caracterizado pela emergência do nacionalismo e pelo processo de construção de identidade e formação das nações (NASCIMENTO, 2004).

Implantado no Brasil por iniciativa de militares da Marinha Brasileira, o escotismo despertou o interesse de intelectuais e autoridades políticas, que vislumbraram o movimento educativo de Baden-Powell como uma instituição de formação moral e cívica para a infância e juventude brasileira. Apoiado pelo poder público, o escotismo foi adaptado ao ambiente escolar, passando “a ser instrumentalizado como pedagogia e método de organização e desenvolvimento para crianças e jovens no interior da estrutura do Estado” (ZUQUIM; CYTRYNOWICZ, 2002, p.56).

Não obstante, o escotismo se configurou como uma escola de civismo que prepararia a infância e a juventude de todas as classes sociais, transformando-as em uma geração mais forte, mais sólida e resoluta. Dotados de qualidades de energia, coragem, de resistência física e de disciplina, os escoteiros seriam “os homens de amanhã”.

Referências

- BLOWER, Almirante Bernard David. **História do escotismo brasileiro: os primórdios do escotismo no Brasil**. Rio de Janeiro: CCME, 1994.
- CAMBI, Franco. **História da pedagogia**. São Paulo: ed. UNESP, 1999.
- NASCIMENTO, Adalson de Oliveira. **Sempre alerta! O Movimento Escoteiro no Brasil e os projetos nacionalistas de educação infanto-juvenil (1910-1945)**. 2004, 173f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004.
- SODRÉ, Benjamin (VELHO LOBO). Cousas tristes (...). In.: **Revista O Tico-Tico**. Rio de Janeiro, ano 22, n.115, p. 13, 06 jul. 1927. Seção: Escotismo.
- SOUZA, Rosa Fátima de. **A militarização da infância: expressões do nacionalismo na cultura brasileira**. Cadernos cedex, ano XX, no 52, novembro/2000.
- THOMÉ, Nilson. Movimento Escoteiro: Projeto Educativo Extraescolar. **Revista HISTEDBR**. Campinas, n. 23, p. 171-194, set. 2006.
- ZUQUIM, Judith & CYTRYNOWICZ, Roney. Notas para uma história do escotismo no Brasil: a “psicologia escoteira” e a teoria do caráter como pedagogia do civismo (1914- 1937). **Educação em Revista**, Belo Horizonte, n.35, p. 43-58, jul. 2002.
- 90 anos do Escotismo no Brasil. In.: **Memória Escoteira**. Centro Cultural do Movimento Escoteiro: Rio de Janeiro. Ano VI, nº 38, mar/nov. 2000.
- UNIÃO DOS ESCOTEIROS DO BRASIL (UEB). **Relatório Anual**. Curitiba: UEB, 2010.